

My chaparral

or

*Distúrbios da Vida
de Relação.*

- Cap. I O determinativa L₁ e L₁'
- Cap. II A ideiação - 6
- " III. O físico -
- " IV. O psicológico -
- " V. A percepção e seus distúrbios - 8
- " VI. As memórias e sua influência com
referência a vida intelectual - 10
- " VII. Sobre os impulsos - 11.
- " VIII. A vontade e seus distúrbios - 16
- " IX. As emoções conscientes - 17.
- " X. Sobre a consciência e seus variados - 18
- " XI. A alienação - 20.
- " XII. Sobre a afecção e seus distúrbios - 22
- " XIII. Sobre a consciência e seus distúrbios - 23
- " XIV. Sobre a afecção e seus distúrbios - 24.
- " XV. Sobre a afecção e seus distúrbios - 26
- " XVI. Sobre as tendências ou involuntários - 27
- " XVII. Sobre o sentimento - 28.
- " XVIII. Sobre as emoções - 29
- " XIX. A alienação - 30
- " XX. Sobre a percepção e seus distúrbios - 31

...e os outros...

...nervos.

(Os meios das quaes se unem ao
psychopaths e a physiotherapia,
a qual abraça a physiotherapia,
a hydrotherapia, o gijim, a dieta,
as banhas de luz e de sol, com
frio, banho os meios capripes de
cambaleir. as infusões an auto-
matorrheas, resolvendo, elimi-
nando as toxinas e o orga-
nismo no intuito de evitar as
recidivas e suas raízes mortas.
A physiotherapia é baseada na
natureza, da orthoproslogia. se-
gundo as theorias espirituualistas.)

Seu é f. o medico que aprofunda
estas theorias ou as nega porque
é materialista, jamais poderá
exercer-a com utilidade satisfato-
ria. Porquanto a psychopaths
baseia-se na vida de relação
psychologica e por consequente
em muitas relações que ha-
vem o psychismo superior e
o inferior, isto é, nos phenomenos
que se referem ao homem ani-
mal e ao homem racional
e na relação que existe entre
um e outro.

Atende-se que a ^{prática} psychopaths, (mas
a psychopaths não é indirecta
nem de parte nem de outra, prof.
esta parte pertence exclusiva-
mente aos medicos. Podem, porém,
aportar. Mas onde está o mal
ou a origem do mal e qual
a causa pertence apenas que
se especializaram - na psychopaths
e neurologia. Seiverias que pre-
supõem além dos conhecimentos
de neurologia, um tipo medico
especial.

Pelo f. antes de fazerem os fun-
damentos da vida de relação e as
suas distorções para f. os f. e os
em estado de que não se podem

- profunda e extensa do tonus vital;
 9º, pelo traumatismo moral ou physico;
 10º, pelos grandes emacsaes, fracoas e em-
 pulsões vehementes das mãas instinctos;
 11º, pela exaltação e depressão mental;
 12º, pelas illusões e allucinações delirantes
 e as varias especies de loucuras propria-
 mente ditas.

Capitulo Sobre os disturbios das faculdades intellectuaes.

Os disturbios das faculdades intellectuaes,
 têm a sua origem ^{na} perturbacão
 e não funcionamento dos organos
 que constituem o psychismo ^{animal}
^{humano}. Representa ^{isto} é atavez, ^{delle} se ~~psychis-~~
~~mo inferior~~, que o superior põe-se
 em contacto com o mundo exterior
 e ^{concentraçãõ} ~~po~~ que se passa no proprio organismo.
 Assim é que quando a attençaõ obje-
 cta está muito dispersa ou sempre
 vagante concentrada ou voltada para
 um mesmo ponto; a attençaõ refle-
 ctiva não se verifica; muito embora
 os organos periphéricos sejam attingidos
 pelos nos objectos correspondentes. Porque
 então, a surmão produzida pelo
 repulso do objecto, não pode ser conscien-
 ciada ou percebida objectivamente;
 E por este mesmo facto, o psychismo
 superior não pode perceber a atavez
 do phantasma da imaginaçãõ,
 a qual, ~~então~~ permanece impercep-
 tiva, muito embora os nervos não
 sejam. ^{as fortes reacções inconscientes}
 Phenomenos analogos observamos
 nas furias alienadas dos sentidos, e
 nas recem fallacidos, em consequencia
 do automatismo physiologico.
 Nos phenomenos, portanto, que se
 referem a vida de relaxação tanto
 animal como intellectual; alim-

da percepção objectiva que engendra o conhe-
cimento sensitivo, e nunciar a percepção re-
flectida que elabora o conhecimento intellec-
tual, isto é, a ideia em o conceito.

Inquanto, portanto, o individuo não é capaz
de conscienciar o que se passa em um
psychismo intellectual ou sensitivo, a
vida psychologica e hyperphysica,
torna-se impossivel.

E dahi esta serie de phenomenos tão
variavos e bizarros que são conhecidos
pelos nomes de ~~phantasmas~~ ou distor-
ções, mais ou menos naturaes, e que
a despeito de tantas theorias, ainda
permanecem sem uma explicação
satisfactoria.

Capitulo Sobre o automatismo.

Automato é o que se move por si
sem sobre o influxo de uma força
externa.

É a este automatismo que nos referi-
mos, o qual pode ser produzido
por phenomenos physiologicos ou
psychologicos; porquanto elle é
espontaneo e se produz independen-
temente da nossa vontade.

Não obstante isto, ha certos casos
automaticos que indirectamente
dependem da nossa vontade. Outros
ha, porém, que confirmando o an-
tigo etymologico desta palavra, se
realizam sem a minima inter-
venção da nossa vontade, porqu-
re não dependam absolutamente della.

Em me refiro ao automatismo
engendrado pelas funções vitais
ou organicas.

O automatismo psychologico produz-se por
vocação por ideias, pensamentos, sentimentos,
vontades, imagens ou recordações do
passado.

O automatismo physiologico é o que
se manifesta pelo psychismo animal,
em consequencia das funções e das
toccas vitas que se operam no orga-
nismo.

Tanto o automatismo psychologico
como o physiologico, produzem, em
certos casos, agirem sem sobre o
auto, perturbando a vida de es-
tados do psychismo intellectual
ou do psychismo animal.

Ha ^{três} duas espécies de automatismo,
o psychico e o physiologico,
como vimos. No automatismo
psychico, predominam as acções
das faculdades superiores; e no
physiologico, as das faculdades
inferiores inhumtas da vida organica.
Segundo seu modo de operar, o
automatismo, divide-se em posi-
tivo e negativo.

No automatismo negativo a
acção voluntaria, que se verifica
no estado normal, desaparece,
é nulla, por causa da existên-
cia em sentido contrario.

Neste estado o paciente faz sempre
o contrario do que se lhe diz. Abre
os olhos, e elle os fecha; fecha
os olhos; e elle os abre. E tudo
isto elle realisa inconscientemente
sob a acção do automatismo
negativo.

No automatismo frântico, o paciente
fica reduzido as reacções de
um automato. O seu caracteris-
tico é a suggestibilidade e
os movimentos incoherentes e
impulsivos. Elle accêta qual-
quer ideia e a pratica de qual-
quer accão suggerida; e, um
reluctância não reflectir, a
respeito do acto, em virtude
da sua realidade e viabilidade.
E é devido a falta de attenção
e do poder inhibitor da con-
sciência que a imaginação pon-
do-se em accão, na occasião
a que o automatismo se ma-
nifesta através das faculdades mo-
tórias e intellectuaes, perturbando
a vida de relação.

Capítulo Sobre a percepção e os seus disturbios.

A percepção ou simples apprehensão é a faculdade que apprehende alguma coisa sem nada affirmar ou negar com relação ao objecto apprehendido.

A simples apprehensão ou percepção deixa na memoria sensitiva um vestigio ou representação do objecto e da impressão que elle causou; e na memoria intellectual, uma imagem correspondente, que não é nem o objecto, nem a imagem material do objecto; senão a ideia que todos os seres, e applicavel a todos os objectos particulares pertencentes ao mesmo genero ou especie. Os falsos percursos são produzidos pela falta de attenção necessaria para fixar os objectos correspondentes, dando assim occasião a illusões; isto é, a tomar por um objecto por outro ou percebermos causas que só são, sem na imaginação. É a allucinação, que differa do delirio propriamente dito, o qual pressupõe um estado deontio ou alienação mental permanente ou chronica.

Capítulo Sobre os órgãos sensitivos.

As células nervosas dos órgãos sensitivos, vitalizadas pel' alma, são sufficientes para que, impressionadas pelos objectos correspondentes, possam agir e reagir e por si; o cerebro, porém, é necessario para que os centros nervosos, possam sentir e conscienciar o que se passa no psychismo animal, o qual é constituído pela medula espinhal e seus annexos, porque é através dos nervos sensitivos que as impressões do psychismo animal, chegam aos centros nervos os superiores.

4
constitua uma ideia fixa, da qual
ella procura livrar-se, por um meio
ou outro.

8
Pun os seguintes, é uma ideia obsidante,
uma monomania, como as phobias,
as obsessões e as impulsões morbosas.
Mas, a além da impossibilidade da
avocação, ocasionada pela falta
de attenção e da memoria e a en-
fraquecimento da vontade, a falta
de poder e um poder inhibitor,
o campo da consciencia não
irradia pela automatismo das
ideias e imagens, que dormiam
no subinconsciente ou na memo-
ria latente, as quaes annu-
ciando-se ás mais e concretas,
completam a obra dos desordens
da ideiação.

Então, são as ideias fixas, obsi-
dantes e avocação tumultuosa
dos memos que predominam,
impunção, neste caso, o auto-
matismo é suscitado sob as
inspirações e instigações da ima-
ginação.

As ideias de perseguição como
as de melancolia, que são
consequencias de perturbações
conscienciaes da propria personalidade,
apresentam phenomenos não menos
alarmantes, porque esta sorte de
delirantes, têm perseguições verdadeiras,
mente allucinatória, com profecias
para fora dos phantomas da im-
aginação; que, por um phenomeno
v. idiosyncrasy, tomam corpo,
tornam-se visíveis e tangíveis,
falam, perseguem e tentam agra-
dir; Contra os quaes, por este mesmo
facto, as vezes agir e reagir com
os gestos e as palavras, como se elle
se achasse realmente alguma coisa
é precisamente o contrario
do que se (costuma a

Ora, estes centros como as células nervosas dos órgãos sensitivos, recebem; porém de uma maneira differente; isto é, consciênte e voluntariamente, e não mechanicamente ou automaticamente, como succede com as células dos órgãos sensitivos, quando são atingidos pelos seus objectos correspondentes.

Daqui deduzimos que, se os nervos conductores destas impressões ou reacções, não funcionarem normalmente, não poderá haver movimento, ainda que os órgãos sensitivos sejam alcançados pelos seus objectos correspondentes. Porque não chegando ao campo da consciencia o resultado destas impressões, o individuo permanecêrã alheio a tudo o que se passa em seu psychismo animal. E neste caso, elle se encontrará em condições semelhantes a da rã ou do grillo descapitados, os quaes, não obstante isto, exercem mechanicamente ou automaticamente as funções referentes ao ~~instincto da propria conservação~~ ou da especie, sob a acção dos objectos ou agentes que nelles despertam tais movimentos. E são estas acções e reacções que se operam independente do poder da vontade sensitiva e installe, actual, as quaes constituem a vida de relação do psychismo animal; isto é, entre os órgãos da vida animal e a vegetativa ou de nutricao. Se estes órgãos e aos seus annos, da - n o nome de nervo grande sympathico

Capítulo Sobre a mutua influencia
dos dois psychismos.

Como ves do grande sympathico, isto é, do
orgão da vida organica e animal,
muito podem influir sobre as actividades
das faculdades intellectuales e sensitivas,
segundo que os seus orgãos corresponden-
tes devam de funcionar normal-
mente.

No primario caso, indirectamente, e
no segundo, directamente. É a causa
de muitos doencas que surgem,
em consequencia da copiação, not. as
revoluções as perturbacoes dos orgãos
do grande sympathico e dos seus
ramos. Porquanto são as perturba-
coes no heas, do sistema nervoso,
e das suas motrices, as causas directas
irregularidades que muitas vezes com-
pactam o psychismo intellectual,
tambem do psychismo animal,
são raras vezes tambem altera-
gido pelas mesmas causas pro-
vinientes das perturbacoes da vida
organica ou de nutricao.

Capítulo Sobre os musculos e a
sua influencia com referencia
a vida de relação psychica.

Conquanto os musculos sejam os
orgãos activos da locomocão,
com tudo, elles podem influir,
muitas vezes, sobre a vida
de relação. E não só os mus-
culos da vida de relação animal;
mas ainda os da vida de rela-
ção ou tissue organicas, que
são conhecidos com os nomes
de musculos voluntarios e
involuntarios.

Esto acontece quando elles chegam
a perder a tonicidade que cada
um possui, como tambem
as duas especies de sensibilidade
de que são dotados, uma geral,
e outra, particular ou especifica.

A qual é a que nos dá a sensação dos
dóres musculares, como as cainbras,
as coliccas, etc. A particular, especie
de sentido muscular, é aquelle,
pelo qual podemos apreciar a força,
a direcção e a extensão das nos
movimentos, segundo que elles
são mais ou menos energeticamente
innervados, pelos centros nervosos; e
que poderia ocasionar uma asthe-
mia ou hyper sensibilidade mus-
cular, tão common em novos
homens, e em virem a faltar a
tonicidade especifica do apete-
ito muscular; cuja origem,
é quasi sempre uma consequencia
da infecção ou auto intoxicação
dos centros nervosos.

A victimas deste mal, confundem-se
facilmente com os neurasthenicos
ou com os doentes imaginarios
pelo seu fronte apparentlymente
sadio e robusto.

Capitulo Sobre a elevação e nos
disturbios.

Tomar o nome de elevação é
facultade que nospermite de
formar ideias e aperizar sobre
sobre ellas, comparando-as e asso-
ciando-as entre si.

Essa, as relações que se intelligem
por elle e, em virtude das quaes,
se opera a elevação, produzem
objectivos e subjectivos.

Os objectivos dam origem acon-
citos reais; e os subjectivos, acon-
citos imaginarios.

Quando estas ultimas varem de
incanto ao senso commum e
chegam a negar a realidade dos
factos, já não constituem uma
ideia simplesmente falsa ou ima-
ginaria, como a illusão ou a
hallucinação, mas sim, um delirio
prolongado ou doentio.
E consequente este delirio não representado
conjuncto de ideias falsas ou representadas

As impulsões, os delírios e as phobias, são dis-
túrbios alliados á perturbação da intelligencia
e da verdade.

Ha occasiões em que tais estados se con-
fundem um com os outros de tal forma
que se torna bem difficil de os distinguir,
porque ^{virtu} ha entre elles ^{entre} um ^{entre} pontos de con-
tactos, em virtude dos quaes elles se con-
fundem facilmente.

A phobia, especie de idio syncratia
moral ou psychica, se manifesta
sob varias formas cada qual mais
significa e abunda, tomando varios nomes
segundo que se refere ao proprio corpo ou
ao alheio, á fôrça do rumor, ao
lugar a certos objectos, a certos idios
ou caprichos de imaginação.

Os delírios ou delírios imaginarios, au-
gustados, associados á idias que não
abandonam o individuo e o atormentam
to a todo instante; em uns, conscien-
te, como acontece com os que têm
ideias fixas e procuram livrar-se dellas;
porém em uns, em outros, inconsciente-
mente como se si' com os delírios inco-
gnos de respeito sobre os nos actos referentes
as idias que constituem o objecto de
nos estudos (in consciencia), por isso,
muitas vezes, não obstante isto, em
outros casos ou assumptos, pensam e
suggerem como o resto do humar.
nosso. São os delírios morais ou psychicos
os quaes está cheia a sociedade actual,
muitos a' vez; porque o estado maior
e mais contrariado nos hospícios.

Quanto a delírios se torna impulsiva,
já não constitui uma simples delusão;
mas uma verdade fragmentaria, porque

imaginações, passões, todavia, influências
o psychismo superior, aguçando-se as
idéias e representações suas existentes
no campo da consciência.

E quando estas idéias se aggrupam
umas nas outras, com uma certa or-
dem e nexo apparente, o delírio cha-
ma-se coherente, e no caso contrario,
da-se-lhe o nome de delírio incohe-
rente.

As idéias delirantes podem ser reduzidas
a tres grupos, ~~que~~ são conhecidas com
os nomes de idéias de melancolia,
de perseguição e de grandezas.

As idéias de melancolia são conse-
quências de perturbações orgânicas
da propria personalidade. São humidas,
tristes, taciturnas e se caracterisam pela
monotonia que em geral as accom-
panha.

Notas, citadas a attenção como que amu-
lada, em volta de um um só ponto
que o fixa materialmente mental-
mente sem absolutamente discurrir ou
discorrer do evidentemente sempre sobre o
mundo de idéias da. mas a imagem de
uma estatua de carne trista e murmurante,
completamente alheia a tudo ao que se
passa com vigor e em volta de si.

Esta inconsciência nos alienados pode
estender-se não só a propria person-
alidade, mas ainda ao tempo e ao espaço.
Quanto porém, a attenção é capaz de
fixar o objecto apprehendido e além
deste, percebe as relações que existem
entre estes objectos; e não obstante
isto, não pode annexar as ou se
faz mal e desordem a da mente, em
uns consensivamente e em outros,
inconscientemente, como assem-
deixamos, para os primeiros das idéias,

obscura nos manifestações das ideias de m.
Lançalia, cujas vítimas acabam quasi
sempre pelo suicidio ou num manicômio.
As ~~ideias~~ ideias de grandezas, não sempre
consequências directas de distúrbios da
intelligencia, como se nota na
egophrenia ou autophrenia; estados que são
corrigidos ou desviados pela educação,
condizendo a mania das grandezas ou
megomalia.

Em todo caso, para que o paciente
seja atingido por esta especie de ideias
delirantes, é necessário que se diminua
muito uma profunda lesão ou perturbacão
da consciencia e da educação, e
que, em geral, se verifique quanto
a todos estes pontos por completo.

Mania symptomatiza a qual se
revela pela desigualdade de animo,
^{e de humor}
para com a vida com depressão.

Nos períodos de depressão dam-se phenomenos
nos vasos arteriaes e nos vasos compressos.
Ha tristeza, abatimento, indifferencia
e profunda apathia.

Nos períodos de exaltação, observam-se phe-
nomenos predominaes pelos vasos dilatados.
Ha tumores arteriaes, perturbacões da respiracão,
e nos vasos orgânicos. Ha manifestações
de contentamento e alegria, de enthusiasmo, pre-
stancia, altivez e arrogancia; mas
que a cada passo se contrahem pelos vícios,
pelos perigos, ^{pelos} propostos, pelos perigos
que fazem e pelos favores que rece-
bem.

Vertu estados que se repartem com inter-
mittencias, por um periodo, ou por
acessos repentinos, ha profundas pertur-
bacoes da intelligencia, da consciencia
e ainda mesmo da consciencia.
Estes phenomenos se observam prin-
cipalmente nos maniacos e constituem
o primeiro período da paralyse geral

na alienação ou da alienação mental.

Segundo a alienação mental, para distinguir
quemos para a distinguirmos da alie-
nação dos sentidos, em que cessa por
completa os phenomenos da vida de
relação entre o psychismo superior e o
inferior.

Na alienação mental o individuo
pode chegar a perder a noção da propria
personalidade e do futuro, mas ainda as
do tempo e do espaço.

Quando esta alienação é ocasionada
por perturbações psíquicas ou mesmo
prolongadas da memoria, um que
não obstante isto, as faculdades superio-
res continuam a funcionar, não consti-
tue uma perturbação do psychismo su-
perior, mas sim uma falta ou falta
de funcionamento a qualquer das
orgãos que se referem a memoria
inferior.

E é precisamente um phenomeno
semelhante a este, que observamos
nos aphasicos, isto é, na impossibili-
dade de se poder traduzir pela palavra,
pela escrita, ou entender-se o que
se nos diz, ou escrever; devido a falta
da memoria das palavras e das
sílabas para nos exteriorizarmos.

Todo acto voluntario presuppõe, por parte da intelligencia, um objecto a ser mais ou menos para attingir-o, e por parte da vontade, os motivos que a fazem deliberar e determinar. É a volição. É por ultimo, a execução. É o acto voluntario.

Ora, o acto pode referir-se a uma das faculdades intellectivas ou a este ou aquelle orgão, segundo a sua natureza.

Ha doenças que compromettam as faculdades da vontade; algumas, porque torna incapaz o individuo de deliberar ou de decidir; não obstante querar e ter motivos para isto; e outras, porque elle sente uma inclinação impulsiva para o mal, apesar de o contrariar.

No primeiro caso, é a faculdade de se determinar que está lesada. No segundo caso, é a faculdade inhibitoria da vontade que se acha mais ou menos paralyzada.

A incapacidade moral ou physica, para fazer alguma coisa, para mover algum orgão, fallar, ou semelhante, pode muitas vezes ser proveniente de distúrbios da vontade.

Após a incapacidade moral, em geral, provem de uma doença organica, forma real convergente adjectiva; a qual pode com o tempo, segundo o orgão a que se refere, reduzir-se a um estado opposto, mente chronico e incuravel. Um acontecimento, porém, extranho, é o caso de distúrbio a elle relacionado no qual ^o que ^{se} compromettia visivelmente o instincto da propria conservação, como um membro

um qualquer outro perigo eminente,
fazi' por encanto desaparecer a paralyzia,
para, muitas vezes, voltar quando elle
se achou fora do perigo.

A incapacidade phisica provem pro-
veniente da falta de energia sufficiente
ou de alguma immutação do orga-
nismo, para obedecer ás determinações
da vontade; ou devida a uma lesão
ou profunda fructificação dos centros ner-
vosos cerebraes ou psychicos. Com-
muni, geralmente, com as abalos
ou derramamento cerebraes.

(Os phenomenos de apparia pertencem
em classificados entre as distúrbias da
vontade, devidos ao engehecimento
das nervos que facem impossivel para nos
communicações com o mundo
exterior e os nervos remolhantes.

A sensação consciente é um dos factores mais importante da vida de relação; porque sem ella, os phenomenos que a caracterizam, não se poderiam realizar humanamente fallando. Porque toda sensação é fundada de dois phenomenos; isto é, da impressão do órgão e do movimento vi. btorio do mesmo órgão correspondente, o qual é transmittido, pelo nervo central, pelo, aos centros nervosos, onde tem origem a sensação.

Ora, é por intermedio deste phenomeno proveniente da immersão do organismo, que o homem e o animal têm conhecimento do que se passa no mundo exterior a elle. Conhecimento este o qual constitue o inicio da vida de relação psychologica.

A sensação consciente intellectual é um facto universalmente psychologico; muito differente do que é produzido pela sensação consciente gerativa da qual gozam tambem os seres irracionais, e sem a qual, elles não poderiam ter conhecimento objectivo do que se passa em si e fora de si; assim como sem este conhecimento, o psychismo superior não poderia ter conhecimento do que se passa no mundo exterior, porque é baseado nos dados fornecidos pelo psychismo inferior que elle elabora e transforma as sensações em ideias e conceitos.

A consciência, portanto, presuppõe uma actividade reflectida; pelo que toda e qualquer perturbação da actividade contribuiria para perturbar a intelligencia; pois a consciência é a mesma intelligencia reflectindo sobre os actos e as suas consequências e sobre os seus resultados.

Cap. Sobre a atenção e os seus disturbios (3)

Levando entre muitas causas que precedemos, voltamos de preferencia a nova mente para uma delleas, ou seja, mas a attenção.

Agora, vamos estudar as causas pelas quaes de preferencia voltamos a nova attenção para um determinado objecto. E isso é precisamente esta preferencia, ou melhor o motivo pelo qual nos voltamos para elle, que nos da margem para julgarmos do estado normal ou anormal não da attenção, senão da individual.

Se o motivo for inabonissivel porque univo ao absurdo; poderemos deduzir que o individuo se acha em um estado anormal passagiero ou doutro.

Seu intuito quando se opõe ao commun modo de pensar, será passagiero, quando caindo em si, pensa e age de um modo diametralmente opposto.

A diminuição da concentração ou diluição da attenção, molesta ou momentanea, pode ser origem aos disturbios da attenção.

Cap. Sobre a reflectão e seus disturbios

A reflectão que se faz sobre as nossas proprias actas, pode ser psychologica ou antologica.

No 1.^o caso, reflectimos sobre as nossas psychicas que os objectos produzem em nos; no segundo caso sobre as nossas quaesitivas.

Nos estados anormais esta reflectão psychica se torna impassivel e nos raras vezes tambem a antologica, de forma que, os seus objectos correspondentes agiram sobre nos sem que os entes superiores possam conscienciar sobre elles, isto é, sobre a sua moralidade ou utilidade. Dahi os disturbios da reflectão. N. d. pag.

A attenção, portanto, voluntária de-
rige e reforça a espontânea.
O que constitui uma ~~de~~ circunstancia
assaz importante; porque é a elle,
como uma consequencia natural,
acompanham a memoria a
a imaginação; ora, revertendo
o passado; ora, combinando estas
impressões com as do momento.
É por esta razão que quando a atten-
ção é abandonada a sua esponta-
neidade, ainda mesmo no estado
normal, ~~de~~ se transforma mais
ou menos, abriro, muitas vezes,
a porta ao automatismo das ideias
e das imagens. Onde tem origem
a dispraxia, que quasi sempre
necita os gestos e as mais in-
stinctos immitas e abque'ridos isto é,
as mais habitar, ainda se todo
não repetidos.

18 Sobre a attenção e seus disturbios

A attenção que outra causa não é, não a applicação da intelligencia ou dos sentidos a um objecto determinado com exclusão de qualquer outro, representa um papel assez importante na vida de relação. Porque sem ella, nem o animal poderia perceber o que se passa no mundo exterior nem tão pouco o homem. A attenção aguçada que é ou não reflectida, constitui o que chamamos consciencia intellectual ou sensitiva.

A consciencia sensitiva é a mesma para qual tanto o animal como o homem, conhecem o que se passa com elle, o animal, diz-se de um conhecimento objectivo; e o homem diz-se de um conhecimento immaterial e reflectido, sobre si e sobre os seus actos.

Os disturbios da nossa attenção provem, geralmente, das distrações, da demora da concentração do individuo sobre um só ponto, da frequência do contacto, da má habitude ou das paixões violentas ou das alterações das nossas instinctos mal controlados, ou da perturbação do tonus vital como succede com as grandes intemperias morais ou as emoções violentas e incoherentes.

A ideiação ou a faculdade de aprehender, sobre as ideias, fornecidas pela intelligencia alle as ideias, está sujeita a muitos disturbios, que constituem o ponto de partida de muitas phenomenas que nem comprometter a vida de relações psicologicas e hyperintensiva, isto é, do psychismo inferior. A

São os seus disturbios, que dão origem as falsas convicções, as delusões imaginarias, as ideias fixas, as obsessões, as impulsões, as phobias e a tantas outras neuroses e até qual mais originaria, ainda mesmo no estado normal, como succede com os que tem ideias fixas, os quaes, apesar de reconhecerem que não têm cabimento e de se esforçarem para se livrarem d'ellas não o conseguem.

Quando estas ideias se affectam a commercio modo de pensar e de agir e o individuo entra em estado anormal de abateimento ou exaltação; tais ideias não se devem considerar ou classificar entre as ideias falsas, simplesmente falsas; não entre as ideias delirantes ou allucinatorias.

23
Sobre a loucura e suas variedades.

A loucura existe em uma
gradação, qual ou parcial de faculdades
da alma, digamos das faculdades da alma
^{ou de suas respectivas correspondentes do lado da alma}
porque não se a humum, mas ainda o
animal pode embouquecer.

No homem a loucura se manifesta
principalmente pela loucura própria,
mente dita, pela mania, pela melan-
cholia e a demencia.

A loucura predominante em qual, a
exaltação de um sentimento, devido a
um icasso animal do próprio person-
hidade, em virtude do qual o louco não
pode harmonisar absolutamente com
o seu semelhante, ^{por causa} porque devido
a constante exaltação das suas facul-
dades intellectuales, elle vê tudo através
de um outro prisma.

A mania é uma loucura caracterizada
pela constante exaltação das fa-
culdades intellectuales. Tod' se agita,
sem delirio, febre, allucinações, suor,
tremendo muitas vezes pela morte
após alguns dias depois da invasão.

A embague, chamada tambem para-
noia, leva geralmente o paciente a
suppor que não está louco, ou que o
finguem. Quando chronica, dá-se o
nome de monomania, e neste caso
só no ponto que constitue a ma-
nha da - se a conhecer como tal;
quanto ao resto elle apparentemente
parece muitas vezes que não é real-
mente louco e chega a convencer
muitas vezes aos que com elle con-
versão. Mas basta que alguma
coisa se idêntica, surte o objecto
da sua mania, para elle se re-
laçar a conhecer.

24

A melancolia é um' outra forma de
lucidez que se divide a uma
profunda depressão mental e trizteza
contínua. Pode ser aguda ou chronica.
O paciente permanece os dias e noites em
como que pensativo ou estupefacto,
sem caminhar, mover-se ou de um
lado para outro sempre na mesma
direcção, sem para todo, com insig-
nificantes, não responde, resiste a
tudo que se lhe propõe e tem muitas
vezes sublinhas allucinações visuaes, au-
ditivas, terminando muitas vezes pelo
suicídio.

A demencia é uma sorte de lucidez
caracterizada pelo enfraqueci-
mento progressivo das faculdades
intellectuales. Pode ser primaria ou
secundaria a outras doenças, como
a epilepsia, o alcoolismo, a sy-
philis, etc. A primaria pode ser
aguda ou chronica, como a i-
demencia senil; a aguda, pode
ser uma consequencia de uma
vida anormal ou de maus hábitos
adquiridos.

O idiotismo ou estupidismo, não é
diversa da perturbacão das faculdades in-
tellectuales, sendo a incapacidade mais
ou menos completa e continua dos
entendimentos, por falta do desenvol-
vimento congenito dos orgãos
correspondentes a vida de relacão. Elle
age, mais como um animal do
que como um ser racional; isto é,
levado pelo instincto da propria con-
servacão individual e da especie.
Ha muitas doenças nervosas que pelo
facto de affectar algums organos o
psychismo superior o vulgar cham-
fiam as entre as alimenções mentaes.
Entre em este genero, frangim, lacrimas, as
mas não tem na origem um estí-
mulo

22. 25

Sobre a allucinação. (1)

A allucinação é uma percepção imaginada, porém, real.

É com quanto possa ter por ponto de partida os phenomenos que se dão no psychismo superior ou inferior; com tudo, sem o concurso deste ultimo, a allucinação não se verifica. Por quanto, parte ou não, do psychismo inferior, a causa determinante da allucinação, a encontramos no psychismo inferior; isto é, nos centros nervosos, onde ella; seja que resulte de uma ideia ou sensação; a percepção objectiva é necessária para que ella se dê, embora seja imaginaria. Porquanto na allucinação quando ella se verifica no psychismo inferior, a sensação é produzida pela acção de um excitante ou agente interior ou exterior, e a imagem correspondente á percepção, é tão intensa, que a sensação é nutritiva a receber, como se fosse produzida pela acção de um objecto que impressionou o órgão correspondente sensitivo, e os centros nervosos, neste caso, reagem, talqual como costumam receber no estado normal, quando, isto é, a impressão parte realmente da periphéria para os centros nervosos.

Isto se dá quando o phenomeno se verifica em relação ao psychismo inferior, o qual é commun com o que tambem se dá com o animal. Mas quando o excitante ou agente, parte do psychismo superior, a ideia, que nutrendo o phantasma da allucinação, da origem a representação do objecto, que an-

terriormente se mover a ideia, agora agente
 ou excitante; agora, como no caso acima,
 é também tão intensa, que a consciencia
 intuitiva percebe, como vindo de fora,
 e os centros nervosos, como no primeiro
 caso, reagem, como se de facto o or-
 gão correspondente tivesse sido atingido
 pelo seu objecto adequado.

É o devido a este phenomeno de projec-
 tilidade, em que o phreno nerve
 de microphon, que o phreno
 superior recebe a mensagem como se vinda
 de fora, quando ella parte d'elle e volta
 a elle, transformada através do phentoma
 da imaginação, naquelle mesma ideia
 ou conceito que recebeu o seu objecto
 correspondente, agente interno ou exci-
 tante, que foi modificar o estado
 - vindo que normal dos centros ner-
 vosos do phreno inferior.

A emoção é também um sentimento moral, porém muito mais intenso e mais complexo, e que não só attinge as faculdades superiores, mas ainda as inferiores, produzindo uma perturbação geral, em consequencia do derrequecimento mais ou menos profundo e extenso da tenacidade vital; isto é, de perfunção namunto do organismo.

Os factores da emoção, são tantos quantos são os agentes psychologicos, provenientes, muitas vezes, de uma propensão individual, de uma hypersensibilidade moral ou estado pathologico.

A emoção pode ser abrupta ou progressiva.

A primeira manifesta-se repentinamente; a segunda que tem quasi sempre a sua origem em um sentimento abafado, costuma a ser incomparavelmente mais intensa, a extensa e duradoura do que a primeira; porque ha muitas manifestações phenomenicas que hão de revelar o estado de profundo perturbação e alteração do psychismo superior e inferior do paciente.

A força em virtude da qual, os efeitos das emoções vão hamis o seu padra irreductivel, a encontram no instinto da propria conservação e da especie, encravados sobre o aspecto moral e intellectual.

É portanto, nas tendencias naturaes ou adquiridas, pela propria experiencia, e nos vehementes e desordenados, a causa das grandes e pequenas emoções; isto é, do sentimento-emoção.

Usamos esta palavra para significar as modificações agradáveis ou desagradáveis, que se dão em nosso phisico, como também para manifestar os movimentos, igualmente agradáveis ou desagradáveis, que se operam em nossas almas.

Pela mútua relação que existe entre a alma e o corpo, os phenomenos que se dão no phisico, podem redundar na alma, e vice-versa.

Assim, uma dor phisica pode abater o nosso espirito e um resfriamento moral, pode comprometter o nosso phisico.

O sentimento, portanto, é uma percepção sensitiva ou affectuosa que nos vem pelos sentidos ou pela intelligencia.

O sentimento, pois, considerado como percepção sensitiva, é synonymo de sensação, e considerado como percepção affectiva, é synonymo de emoção, ainda que a emoção significue um sentimento espirital muito mais intenso, como veremos quando tratarmos da emoção.

Tenho dor de cabeça; tenho fome; tenho sede; são sentimentos - sensações. Estou alegre; sinto-me triste, estou envergonhado; são sentimentos - emoções ou moraes.

O sentimento, pois, em geral, pressupõe um agente material ou espirital que modificando o psychismo superior ou inferior do individuo, o acorda, brilha ou alegria; moral ou phisicamente.

A propensão ou inclinação é uma tendência para exercer certos actos inherentes a nossa natureza.

São muitas; porém, podemos reduzi-las ás tendências correspondentes ás várias faculdades intellectuais, sensitivas e orgânicas, segundo que os seus objectos, são capazes de affectar o nosso psychismo superior, inferior e como tambem a vida de nutricao ou vegetativa.

Ha tendências naturais e adquiridas; as primeiras são innatas; umas instinctivas e outras hereditarias. As adquiridas são individuaes, mas as que se adquirem pelos actos naturaes repetidos, as quaes denominamos habitos.

As tendências podem ser boas ou mal ingenuas que são ou não consentâneas a nossa natureza racional.

As tendências naturais são boas, porque se referem ~~ao~~ a vida instinctiva; as individuaes são as que se referem ~~nos~~ ~~em~~ pela intelligencia, pelos sentidos e pela moralidade moral.

E são estas tendências que constituem os fundamentos de todas as outras inclinações que são capazes de affectar o nosso psychismo superior e inferior.

^{Sobre} As primeiras, as primeiras influem indirectamente; não mediatamente com as segundas, no estado normal, porque ellas dependem da nossa vontade, quando nuns quanto a sua execução; porque tambem estas primeiras segundas, independentemente da nossa vontade, podem se manifestar, involuntariamente, mas ao bem ou ao mal.

Da memoria e de uma especie de juizo rudimental se deriva a consciencia. Pelo que deduzimos que comquanto os lobulos cerebraes regem os orgaos da consciencia sensitiva, da memoria, da imaginação, do instincto e de todas as facultades sensitivas que interpretam as sensações vindas de fora, todavia não nos é licito affirmar que estes lobulos são a causa dos phenomenos da vida de relação. Porque, se a alma não exerce a sua acção adequada só n'os estes orgaos, elles não produzião só por si, por se em actividade.

Não é, portanto, nem só a alma nem só o orgão; senão o orgão informado pela alma, que havemos de attribuir os phenomenos da vida de relação. E tanto affirmamos contra os que sustentam que são os sentidos externos que só por si produzem estes phenomenos. Pois uma tal asserção é falsa; porquanto as sensações obtidas só pelo intermediario dos sentidos externos, constituem sensações incompletas, e por consequente, insufficientes para a manifestação dos phenomenos da vida de relação. Porque os sentidos externos, não percebem nem os objectos externos; mas estes orgaos não podem conscienciar o que com elles se passa; pelo que, é necessario admitir uma alma a intervenção de uma alma racional ou material que exerce a sua alguma acção sobre as operações dos sentidos, para conscienciar as por meio de um conhecimento reflexo ou

objectivo.

20 31

A alma, portanto, do homem ou do animal, aquella que por intermedio do encephalo, preside as sensações, as differencias, conserva, evoca e as associa, e as reaccões para os phenomenos da vida organica e de relação psychica intellectual ao animal.

Sobre economia da vida animal na sensitiva.

Na vida animal ou sensitiva distinguimos tres operações, a saber: A sensação, a appétição e o movimento voluntario ou espontaneo?

A sensação está em primeiro lugar, vem seguida, vem o fuctor ou a appétição, e por ultimo, o movimento voluntario ou instinctivo.

Ora, o sujeito destes phenomenos não pode ser somente a alma nem somente o corpo ou os orgaos correspondentes a estas operações; mas sim o orgão animado pela alma, e os objectos univios são as agentes que actuam sobre os orgãos e os fazem vibrar.

Pelo que affirmamos que, não é a alma nem nenhuma potencia animica, que actuam sobre os orgãos univios nem tão pouco as suppostas emissões que dimanam dos objectos univios, senão as vibrações provocadas nos orgãos sensitivos pelas suas agentes correspondentes.

Portanto, para que a impressão material se torne univiel, é necessario que a acção do objecto tenha um certo grau de intensidade e que o individuo esteja em con-

Sobre a consciência e seus disturbios.

O homem tem um conhecimento habitual da propria existencia pelo sentimento interno e constante da sua presença, e tem tambem um conhecimento actual do seu proprio corpo pelo tacto. Este conhecimento é reflectido, porque elle não só conhece, mais ainda lembra-se que conhece pelo tacto a presença material do seu corpo.

Quando, por consequente, elle perde a consciência actual do seu corpo e ainda mais a habitual da sua presença ou existencia, age então como um automato sob a acção da imaginação. Como succede com as pessoas que se acham em estados hypnoticos, de captividade ou letargia. E ainda mesmo com espíritos recém fallecidos, que ainda conservam um resíduo sufficiente de vitalidade organica, e que se reaccão por parte dos organos proprios ou extranhos, que se lembram a acção puramente mechanica de um telephone, em um estado sobre naturalmente de causas muito differentes. É um phenomeno devido ao automatismo proprio. Logo, sob a acção de um accidente exterior, por lesão nas centellas nervosas ultimas dos nervos sensitivos, ainda persiste por um resíduo de vitalidade organica, uma virtude a qual o organo ainda funciona em frente a si quanto a vida latente de seus organos, a qual tende a tornar a reaparecer com maior ou menor rapidez segundo a causa da morte do individuo. Não se que ha individuos que embora presentes com consciência em certos estados anormaes, depois, se esquecem de tudo quanto com elles se passou. Ely não é inconsciencia, mas falta de lembrança do q. com elle se passou.

O indivíduo no sonho, goza de um prazer que, conquanto imaginário; sobrevia, por uma acção reflecta, ou physiologica, ou se traduzir nos órgãos correspondentes à acção psycho-physiologica que, quanto a parte natural, elle é completa; porque, conquanto se trate de uma forma, mais imaginaria; a sensação que elle experimenta é real, e tão real, que os centros nervosos reagem e os effeitos destas reacções, se manifestam no organismo da pessoa que sonha, segundo que foram ou não affectados pelos seus objectos correspondentes, ainda que imaginarios; pois, as sensações e as ideias conquanto sejam um producto da imaginação, produzem os mesmos effeitos que as reais, quando são copias do que em acção os centros nervosos.

Aqui distinguimos, que se não fora a consciência, propriamente dita, ou psychologica, no homem; e, no animal a consciência hyper-physica, a vida de relação, deitaria de existir como tal, ou se confundiria, ou se confundiria com as allucinações do sonho. É o que precisamente succede com os alucinados, os quaes vivem como um sono especie de sonho em estado de vigilia, cujos illusões se manifestam sem a focalisação da consciência subjectiva, por falta da consciência objectiva.